

MIZUTANI, Luciana. **Ninguém solta a mão de ninguém**. Campinas: Unicamp. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena – UNICAMP, orientador: Renato Ferracini. Atriz, Diretora, Bacharela em Artes Cênicas e Mestra em Artes da Cena pelo Instituto de Artes da Unicamp.

RESUMO

Frente aos retrocessos político-sociais recentes com o golpe parlamentar da presidenta eleita Dilma Rousseff, o presente texto faz uma reflexão sobre as formas de agir e obras que são formas de resistir e questionar o controle e regulamentações autoritárias do Estado. O texto reflete sobre as formas de se pensar e realizar artes de resistência e ativismo propostas nas mesas de discussão, nas comunicações de pesquisas e nas discussões extraoficiais durante o evento no VIII Simpósio Reflexões Cênicas Contemporâneas que faz parte da Jornada Internacional Atuação e Presença do Lume em 2019.

Palavras-chave: Arte de Resistência. Ativismo. Rede.

ABSTRACT

Facing the recent political and social setbacks with the parliamentary coup of the elected president Dilma Rousseff, the present text reflects on the forms of action and works that are ways of resisting and questioning the authoritarian control and regulations of the State. The text reflects on the ways of thinking and performing arts of resistance and activism proposed in the discussion tables, in the communications of researches and in the unofficial discussions during the event in the VIII Simpósio Reflexões Cênicas Contemporâneas that is part of the Jornada Internacional Atuação e Presença of Lume in 2019.

Keywords: Resistance Art. Activism. Network.

INTRODUÇÃO

Durante o processo seletivo e posteriormente durante a pesquisa do meu mestrado, iniciado em 2017, sucederam-se eventos de acirramentos políticos no país que passaram a permear nosso cotidiano. Se por um lado, ao longo da história, as pautas sociais são bandeiras de batalha de organizações e movimentos, as derrotas recentes passaram a ser mais frequentes e, em minha percepção, mais violentas. Faço uma breve retrospectiva com o intuito de ilustrar os retrocessos políticos e sociais com início no dia 31 de agosto de 2016, embora os antecedentes também pudessem fazer parte deste levantamento. Cito exemplarmente o processo de golpe parlamentar, iniciado em 2 de dezembro de 2015 e com conclusão em 31 de agosto de 2016, que sob a acusação de desrespeito à lei orçamentária acarretam o impeachment da presidenta eleita Dilma Rousseff. Rousseff foi inocentada¹ das chamadas “pedaladas fiscais” no entanto o golpe

1 De acordo com a matéria do Jornal El País disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/27/politica/1467040634_118457.html>. Acesso em 19/04/19. Ou ainda de acordo com a matéria da redação do Senado, disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/05/03/presidente-dilma-nao-cometeu-qualquer-crime-que-justifique-o-impeachment-afirmam-juristas>>. Acesso em 19/04/19.

se concretizou e é simbólico de um período de grave ameaça à ordem constitucional democrática. Desde então agravam-se as notícias de retrocessos em todos os campos sociais como o desmonte de programas sociais como o “Ciência sem fronteiras”, o “minha casa minha vida” e o “Farmácia Popular”; a PEC 55 que prevê o congelamento dos gastos sociais por 20 anos; a terceirização irrestrita; o “fim” da CLT; o projeto de reforma da previdência; e políticas de privatização e de entreguismo na política externa. (BOULOS, 2017). No dia 5 de abril de 2018, o juiz Sérgio Moro, decreta a prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que segundo as pesquisas do Datafolha na matéria do G1² de 22/08/18 seria novamente eleito. Assim, o presidente Lula tornou-se, pela Lei da Ficha Limpa, inelegível nas as eleições de outubro de 2018. Pareceu haver em curso um processo de criminalização do Partido dos Trabalhadores (PT), partido eleito nas 4 anteriores eleições, por meio de uma propaganda contínua da grande mídia de atribuir ao partido imagem de corrupção. As eleições de outubro de 2018 tiveram indícios de manipulação de informações e *fake news*³ e acabam por eleger um presidente que abertamente defende a tortura, o golpe militar de 1964, e com declarações racistas, misóginas, homofóbicas e excludentes. Com a eleição de um presidente fascista e da evidenciação de seu eleitorado de extrema direita, ressurgiram os medos de perseguição e mortes políticas vividos no país durante a ditadura de 1964, assim, há o resgate da frase: “Ninguém solta a mão de ninguém”. A origem da frase é explicada por Nassif:

Esse era o grito de pavor que ecoava nos barracos improvisados onde funcionava o Curso de Ciências Sociais da USP, nos Anos de Chumbo. De noite, quando as luzes das salas de aula eram repentinamente apagadas, os estudantes buscavam as mãos uns dos outros e se agarravam ao pilar mais próximo. Depois, quando as luzes acendiam, faziam uma chamada entre eles. Muitas vezes acontecia de um colega não responder, pois já não estava mais lá... (NASSIF, 2018)

O então juiz, Sérgio Moro, que impede a candidatura do ex-presidente Lula, aceita o cargo de Ministro da Justiça e Segurança Pública⁴ no governo que ele ajudou a eleger. Com a eleição de Jair Messias Bolsonaro dá-se a continuidade, ou ainda se agravam, as mudanças em leis, cortes orçamentários em instituições ou programas com enfoque social, de estudo, de saúde e de cultura. Essas mudanças passam a ser não apenas ásperas e duras, mas também constantes, escancarando um projeto neoliberal e excludente da população pobre e de parcelas invisibilizadas da sociedade pelo governo.

Essas questões passaram a povoar minha mente, colocando em xeque tanto a mim, quanto a arte que eu “deveria” ou que eu “precisaria”, na minha inquietação, colocar em cena. Como colocar essas questões em comunicação, como resistir? Como dar forma a uma arte coerente nos tempos atuais? Inquietações parecidas surgiam de colegas pós-graduandos, de professores do programa, de alunos da graduação e de colegas artistas em conversas informais, de aula ou em eventos.

2 Link da Matéria: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/08/22/pesquisa-datafolha-lula-39-bolsonaro-19-marina-8-alckmin-6-ciro-5.ghtml>>. Acesso em 28/02/2019.

3 Link da matéria: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/cerebro-por-tras-de-ascensao-de-trump-bannon-quer-espalhar-marca-pelo-brasil-e-o-mundo.shtml>>. Acesso em 28/02/2019.

4 A informação foi noticiada por várias mídias, dentre elas, pela Isto é. O link da matéria está disponível em: <<https://istoe.com.br/juiz-sergio-moro-aceita-ser-ministro-da-justica-de-bolsonaro/>>. Acesso em 28/02/2019.

Diante dessas questões, colegas artistas passaram a trazer questões políticas aos palcos. Vi o ressurgimento de dramaturgias vinculadas às questões sociais e políticas, sobre relações de poder retratando a Europa durante e pós Segunda Guerra Mundial, como as peças do dramaturgo alemão Berthold Brecht, ou a ditadura brasileira (1964-1985) com peças de Augusto Boal. Existe uma beleza de genuína preocupação no entanto, na urgência dos acontecimentos, houve um regresso às dramaturgias políticas consagradas que contém pautas e questões infelizmente ainda não superadas, mas que fazem parte de diferentes conjunturas sociais, culturais e políticas, e por esse mesmo motivo por vezes anacrônicas.

Embora as emendas e leis ainda tramitem no senado e congresso, desponta a ideia de um “soberano” fascista que parece autorizar normas, regulamentos e discursos excludentes de minorias e que vão contra a declaração universal dos direitos humanos. Nesse contexto existe um movimento de criminalização de movimentos sociais sob a máscara de uma lei antiterrorismo e sobre a bandeira de uma “escola sem partido” se propõe a proibição e observação de professores que ensinam fora da ideologia conservadora nos costumes e liberal na economia. Estas ideologias presentes nesses exemplos incidem na censura de obras e ações artísticas, assim resta as perguntas que me movem como artista e que alimentam minha pesquisa hoje: como fazer arte nos dias de hoje? Como não soltar a mão de ninguém?

VIII SIMPÓSIO REFLEXÕES CÊNICAS CONTEMPORÂNEAS

Esse clima de instabilidade e essas perguntas de como lidar com a arte, ecoaram no VIII Simpósio Reflexões Cênicas Contemporâneas que aconteceu entre os dias 19 e 22 de fevereiro de 2019 que faz parte da Jornada Internacional Atuação e Presença que acontece continuamente desde 2010 na sede do LUME – UNICAMP e que reúne eventos práticos e teóricos organizados têm como enfoque o fortalecimento de práticas de formação e contaminação entre os atores-pesquisadores e suas pesquisas.

A fala de abertura foi feita pelo Prof. Dr. Renato Ferracini, que foi iniciada, tal como esse texto e como os compartilhamentos de pesquisas nas comunicações, revelando uma preocupação com as mudanças políticas e sociais que estamos vivendo. Um trecho que me chamou a atenção foi quando ele retomou a fala que disse e ouvi de amigos durante e após as eleições de 2019:

É interessante pensar que a origem etimológica da palavra CUIDADO venha de COGITARE, proceda justamente do COGITO, ou seja, do pensamento focado, do dar atenção, gerar prudência. Pensar, nesse caso, é cuidar. Cuidar é dar atenção. É agir de forma prudente. Deleuze nos diz que na busca de uma desorganização ou desestratificação pessoal ou coletiva a prudência é a única que nos salva da morte e da destruição. Não cuidar, mata! Não cuidar faz ministros acreditarem na terra plana. Não cuidar faz amores ficarem mudos para sempre. Curioso pensar que a máxima cartesiana cogito ergo sum (penso logo existo!) – já que a origem de cuidar vem justamente do cogito – poderia ser lida como. Cuido, logo existo! O Mundo certamente seria diferente diante dessa máxima ressignificada. Precisamos cuidar das relações afetivas singulares e coletivas para sobrevivermos, para termos mesmo a chance de resistência. Ninguém solta a mão de ninguém é uma bela metáfora do cuidado. Mas estamos num momento em que não podemos não só soltar as mãos: devemos pensar que ninguém solta os pés de ninguém, ninguém solta os braços e pernas de ninguém, ninguém solta a bunda de ninguém, ninguém solta a peruca de ninguém. Ao cuidar resistimos, ao resistir, enquanto – re-existência, re-existir – podemos e devemos criar outros modos de organização afetiva pelo e com o cuidado. Pela e com a prudência. Assim, ao cuidarmos ninguém soltando nada de ninguém, criamos coletividade. Não cuidar, destrói, gera situações políticas impossíveis, e “nunca o impossível foi tão real”, já parafraseando a última fala do novo espetáculo do LUME, Kintsugi –

Esse simpósio foi sem dúvida, para mim, sobre o cuidado, sobre o amor e sobre não soltar a mão de ninguém. Minha experiência no simpósio foi recheado de partilhas de formas de agir e pensar a arte neste momento de radicalização política que estamos vivendo. Estela Lapponi e Anamaria Fernandes compuseram a mesa de “Práticas Artísticas e corpos inabituais”, geraram desconforto em nosso despreparo para receber corpos deficientes e ainda problematizaram a segregação e a acessibilidade no consumir, pensar e produzir arte dos corpos inabituais, os ditos “handicaps”, “anormais”, “deficientes”, “loucos”, “diferentes”, entre outras nomenclaturas discriminatórias. Elas propuseram abolir nomenclaturas como inclusão onde existe uma adaptação exclusiva do deficiente em direção às pessoas que não estão em situação de deficiência. Propuseram uma forma de apresentação de falas em eventos que contemplasse deficientes auditivos ao adicionar as falas escritas em projeção. E partilharam seus saberes de “corpos inabituais” nas artes.

Constituída por artistas e mestras não acadêmicas, a segunda mesa, intitulada: “Outros saberes como Artivismo - estratégias contra o apagamento de corpos”, falou sobre o apagamento das minorias, Juana Rosa Paillalef Carinao trouxe sua experiência no Museu Mapuche de Cañete no Chile; Alessandra Ribeiro Martins e Valéria Monã compartilharam suas pedagogias de resistência e identidade-corpos engajados com lutas políticas e em prol da democracia e dos direitos humanos, respectivamente no CR Dito Jongo Ribeiro em Campinas-SP e em sua trajetória artística.

Em “Performatividade e gênero” o debate foi posto por Jaqueline Moraes Teixeira, Amara Moira e Renata da Silva Carvalho, acerca do pensamento *queer* e a problematização da questão de gênero e sexualidade na legitimidade social dos corpos e no pensar artístico dos mesmos.

A última mesa, na qual não pude estar presente, se intitulava: “O que é construção de conhecimento prático na pesquisa em Artes da Cena?”, contou com: Matteo Bonfitto, Lucia Romano, e Renato Ferracini, onde foi trazido à tona o desafio da arte dentro da universidade de propor e construir uma potência de conhecimento artístico que não esteja somente ancorado nas metodologias clássicas das ditas ciências duras ou das ciências humanas.

COMUNICAÇÕES DAS PESQUISAS

Tematicamente os participantes das comunicações pareciam estar, mais do que em outros anos que eu participei, preocupados em evidenciar questões políticas de suas pesquisas. Como foram os casos das pesquisas de Aline Nunes de Oliveira ao falar de sua “Cassandra vai à rua: programas performativos, encontros, espaço público e o insuportável corpo feminino”; de Júlia Veras em: “A história da encenação brasileira - um fragmento feminino”, de Ana Flávia Felice em: “Sobre silenciamentos e lugar de fala”, entre outras e outros.

Uma proposta da organização do VIII Simpósio Reflexões Cênicas Contemporâneas era de que houvesse uma organização entre os participantes em como organizar o tempo de 1h30 minutos para quatro comunicações e uma conversa sobre elas. Isso de partida já nos colocou em situação de relacional e na busca de encontrar as melhores maneiras para a comunicação dos trabalhos de maneira democrática. Na sala em que eu estava, nos organizamos deixando que a Juliana de Freitas Kersting se apresentasse inicialmente por ela ter uma cena a apresentar, para a qual criamos uma

sinalização de tempo durante as falas, que foi utilizado em todas as apresentações, para que fosse respeitado o tempo de debate ao final. Nessa comunicação Kersting apresentou sua pesquisa em forma de cena, onde relatou seu passado artístico e suas experiências como mulher, onde relatou, dentre outras coisas, os abusos que sofreu no passado. Os depoimentos dessas histórias de abuso tem sido um lugar recorrente em grupos de apoio, proteção e de luta contra a violência contra a mulher, o feminicídio e na busca de igualdade de gêneros. Essas partilhas têm vindo para a cena como foi exemplificado pelo trabalho da Ana Flávia Felice. Em meu compartilhamento, falei sobre a minha pesquisa que pretende uma expansão do termo *Arte de Guerrilha* para a atualidade. Esse termo surgiu para falar sobre o trabalho de alguns artistas que tinham a ideia do artista como combatente simbólico em 1970 na exposição “Do Corpo à Terra”. Enfoquei a comunicação na minha dificuldade de lidar com a referenciação dos artistas e das obras, pois, visto que muitas das ações artísticas esbarrariam em questões legais, a escrita da tese poderia ser comprovação que pudesse gerar ações legais contra artistas, como seriam as questões legais de tramitar na Comissão de Ética e Pesquisa ao relatar a autoria de uma pixação⁵. Após a comunicação e após os debates, em *off*, algumas pessoas vieram partilhar sobre suas experiências, de conhecidos e amigos que realizavam as artes que esbarravam em questões legais, bem como formas alternativas de lidar com referenciação na academia.

Em suma, a minha experiência no VIII Simpósio Reflexões Cênicas Contemporâneas foi uma lufada de ânimo de perceber os caminhos artísticos e de ações que estão sendo trilhados e pensados atualmente. Ouvir, falar e trocar experiências foi uma forma de ver que eu não estou só. Não solto a mão de ninguém, nem as experiências, nem os afetos, nem as mentes de ninguém! Estamos juntos.

Referências bibliográfica

BEDINELLI, Talita. **Dilma não ‘pedalou’, mas autorizou decretos sem aval do Congresso, diz perícia.** El País, 2016. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/27/politica/1467040634_118457.html>. Acesso em: 18/04/19.

BOULOS, Guilherme. **12 retrocessos em 12 meses de Temer.** Carta Capital, 2017.

Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/politica/12-retrocessos-em-12-meses-de-temer/>>. Acesso em: 18/04/19.

5 Uso aqui a grafia adotada pelos fazedores da ação, ou seja, pixação em vez de pichação.

NASSIF, Lourdes. **A origem do “Ninguém solta a mão de ninguém”**. Jornal GGN., 2018. Disponível em <<https://jornalggn.com.br/historia/a-origem-do-ninguem-solta-a-mao-de-ninguem-por-marcelo-mendonca/>>. Acesso em: 18/04/19.

Sites

Senado Notícias

<https://www12.senado.leg.br/noticias>

Responsável: Senado Federal